

RESENHA

NAVIA, Ricardo. *Richard Rorty: emplazamiento a la tradición filosófica*. Montevidéo: Universidade de la República, 2008. 256 p. (Coleção Carlos Vaz Ferreira)

Bento Itamar Borges*

Ricardo Navia, professor da Universidad de la República, no Uruguai, já colaborou com dois artigos nesta revista Educação e Filosofia: “Em torno a una polemica sobre la fundamentación de los juicios éticos” (n. 15) e “El argumento del lenguaje privado en Wittgenstein y algunas de sus repercusiones filosóficas” (n. 26). Publicou anteriormente o livro *Racionalidade, relativismo e verdade na filosofia de H. Putnam* (Edipucrs, 1999). Obteve seu título de mestre pela UFRGS e de doutorado pela PUCRS. Foi *Visiting Scholar* na Universidade de Harvard, onde trabalhou com Hilary Putnam.

Richard Rorty (1931-2007) nasceu em Nova Iorque e estudou em Chicago e em Yale. A partir de 1961, trabalhou em Princeton e na Universidade de Virgínia. Em 1998, aceitou uma indicação para o Departamento de Literatura Comparada, na Universidade de Stanford. Dentre seus diversos livros, estão publicados no Brasil *Filosofia e o espelho da natureza* (Relume Dumará, 1994), *Contingência, Ironia e Solidariedade* (Martins Fontes, 2007), além de textos seus na coletânea organizada por José Crisóstomo de Sousa, *Filosofia, racionalidade e democracia: os debates Rorty & Habermas* (Editora Unesp, 2005). A revista *Educação e Filosofia* publicou tradução de um artigo de Rorty sobre o debate entre Habermas e Lyotard (n. 8, 1990).

O título do livro de Navia, que começa com “emplazamiento”, não deve desencorajar o leitor; ao contrário, a busca de soluções, na leitura e na tradução, compromete-nos com expedientes pragmáticos, no sentido

* Doutor em Filosofia pela UFMG e Professor Associado do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (FAFCS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: bentoib@ufu.br

comum do termo. Rorty inventaria um termo para traduzir ou dizer o que tivesse “em mente”, ou melhor, “o que tivesse que ser dito”. Prevalece a aceção jurídica do termo “emplazar” e seus derivados; em português, bem como em francês, teríamos algo como “intimação” ou “convocatória”, para traduzi-lo: “[...] Putnam, em *Realism with a Human Face*, suspechando que las diferencias emanam del concepto de ‘garantía’ que ambos manejan, emplaza a nuestro autor a que indique ‘cuales de los siguientes principios... le parecen aceptables’, etc.” (p. 114)

Ora, essa citação ajuda-nos a compreender o título e o gênero literário do texto (ou do discurso): Navia entra na polêmica entre Putnam e Rorty, que se movem entre outros autores e paradigmas em disputa. Mas a regência verbal adianta uma direção nessa polêmica, que não cairá, de maneira alguma, em uma terra de ninguém. Vemos então, lá pela metade do livro, que é Putnam quem *intima* Rorty a indicar quais são os princípios que lhe parecem aceitáveis. Assim, para um acerto inicial sobre o rumo da longa reconstrução de Navia, convém-nos ampliar, a partir dessa sintomática citação, o sentido do título: Rorty estaria, sobretudo no estágio mais avançado de sua obra, apresentando uma *intimação* ou *convocação* para toda a tradição filosófica. Podemos pensar, em termos da prática forense, que a *intimação* deve provir de emissor acreditado e com autoridade para estipular prazos e data-limite. Após repassar praticamente toda a história da filosofia, a reconstrução de Rorty é movida também por compromissos normativos e emancipatórios, que vão além das manias lógicas e epistemológicas. Mas é fundamental que a renitente tradição filosófica seja colocada “contra a parede” e admita que existe outro paradigma, capaz de solucionar o atual *quebra-cabeças* que atormenta e instiga a comunidade de filósofos e que interessa a todos.

Saltemos agora para a outra extremidade, inclusive para evitar desenvolvimentos excessivos sobre a temática. Dez por cento das páginas do livro de Navia são dedicados à bibliografia e ao sumário. A “Bibliografia básica” traz listas de obras, agrupadas em seções de livros e de artigos de Rorty e sobre Rorty, sobre metafilosofia em Rorty, clássicos do pragmatismo (Dewey, James, Peirce), obras de Davidson e de Putnam, obras sobre relativismo, além de obras e artigos de Rorty publicados em português.

Um exame do sumário revela o complexo quadro das seis partes, que se combinam com uma sequência de onze capítulos, em um arranjo um

pouco diferente das monografias acadêmicas mais comuns entre nós. A parte I, “Introdução e objetivos”, elucida o contexto intelectual e a fundamentação da delimitação temática. O cenário e o roteiro de obra tão abrangente inclui os sobressaltos do *giro* linguístico, entendido como caso típico de mudança de paradigma, ou seja, “conversão” seguida de proselitismo e perseguição. A celeuma relativista provocada pelos ideólogos do pós-modernismo e por outras vertentes contrárias ao fundacionalismo – como as de Popper, Hans Albert e o próprio Rorty – atraiu esse último para o campo de batalha em torno da racionalidade, pauta assumida pela reação antirrelativista de Apel, Habermas e Putnam. (p.18) A obra apresenta uma galeria de autores que cobrem boa parte da filosofia que permaneceu em evidência no século XX: Sellars, Quine, Putnam, Davidson, W. James, Dewey, Wittgenstein, Sellars, Searle, Derrida, Habermas e também Hegel, Marx, Gadamer, Nietzsche, dentre outros. Tais autores brigaram por posições, sob rótulos tais como realismo, filosofia analítica pós-positivista, pragmatismo, pragmatismo americano, relativismo, bem como a crítica ao racionalismo cartesiano.

O leitor encontrará ainda outros rótulos, para posições combinadas, para as quais só neologismos de uso endógeno se aplicam, como, por exemplo, “condutismo lógico” e “condutismo epistemológico”, “materialismo redutivo” e “materialismo eliminativo”, e até o composto “pragmatismo experimentalista ou não-teleológico”, que, a propósito, deveria definir a posição que Rorty advoga. Em uma nota muito oportuna, Navia explica que (e porque) a posição de Rorty não pode ser chamada de neo-pragmatismo, nem de pragmatismo “a secas”, nem de relativismo, nem de pragmatismo solidarista ou, pior, rortysmo. Restou a rubrica mais adequada: “pragmatismo experimentalista”. Melhor que a elaboração de listas de rótulos é, sem dúvida, enfrentar a discussão dos temas-centrais, sobretudo em torno da *verdade*, mas isso é o que se conseguirá durante a leitura do livro, sobretudo na interlocução de Rorty com Putnam e com Davidson. É por desconfiarem da verdade que filósofos e não-filósofos caem no relativismo, mas é certo que Rorty não embarcou em um relativismo *tout court* – e nem associou-se à leviana campanha do “tudo vale”. (p. 16) Contra essa posição entreguista, Rorty milita em favor do razão, com os recursos da pragmática.

Navia vai mapeando sua reconstrução (da reconstrução de Rorty), por meio de bem definidas tomadas de posição, como no exemplo a seguir: “Otra versión de la teoría de la identidad mente-cuerpo es el ‘materialismo eliminativo’ de Quine y Feyerabend, que pretende solucionar el problema apelando a la ‘doble lectura’: no sostiene que las sensaciones sean em realidad estados neurales sino que son estados que em un contexto teórico se pueden concebir como sensaciones y, em outro, como estados neurales. Sin embargo, esta solución es igualmente inviable, puesto que requiere de criterios de identidad que: o son difíciles de conseguir, o son embarazosos em los casos filosóficamente discutibles (p. e. no podemos referirnos a lo que no existe).” (p. 48)

A tese geral é esclarecedora e instigante, seguida de uma dúzia de teses específicas, apresentadas no capítulo 1, que já adiantam algumas conclusões e recriam parte do contexto intelectual relativo aos rumos da modernidade. A décima segunda sub-tese propõe que todas as anteriores convergiram para concepções, na linha do *pensiero debole*, de Vattimo, que Navia qualificou como: deflacionistas, diversionistas, liquidacionistas, etc. Navia acrescenta de imediato a essa duodécima tese particular a avaliação de que é “muy poco propia de un pensador historicista y progresista de fines del siglo XX” a posição que acate a “exhortación a reciclarnos como etnógrafos, periodistas o poetas, o seguir leyendo perpetuamente a los clásicos” (p.25).

Diante das teses expostas, podemos voltar ao índice e perceber que as seis partes, entremeadas com os doze capítulos, podem ser reduzidas a apenas quatro, conforme a seção “objetivos y partes”. E, se quiséssemos, chegaríamos à típica e inevitável trindade: (1) reconstrução do macroparadigma representacionista (conhecimento como *espelho*), (2) debate sobre a *verdade* com dois interlocutores de peso (Putnam e Davidson) e (3) sistematização das *implicaciones metafísicas* da obra de Rorty.

Navia leva muito a sério seu método reconstrutivo, o que certamente lhe custou muita leitura e incansáveis reelaborações. Tanto é que, com frequência, pede licença quando transcreve uma citação, justificando-a por sua relevância ou beleza. É como se ele quisesse reconstruir – ou seja, ler, desmontar e remontar – até mesmo frases poéticas e grandiloquentes, dessas que reservamos para epígrafes. Por outro lado, não poupa seu “objeto”

Rorty de contínuas críticas. Ele não espera para reunir as objeções em uma avaliação final das contribuições do filósofo norteamericano. Lança reservas contra as conclusões de Rorty (p. 67) e aponta a ambiguidade da noção de *conversação* (p. 92). A cada momento da argumentação, Rorty é submetido a seus próprios critérios; também ele restringe-se, em alguns pontos, a pífias “sugestões”, onde caberia uma tomada de posição mais firme e, claro, teoricamente fundada ou justificada. Vale sempre o melhor argumento e o respeito às fontes que registram as reviravoltas das longas polêmicas entre Rorty e vários filósofos relevantes para o século XX, sobretudo Putnam e Davidson, bem como os debates influenciados pelo recente clima cultural *fin de siècle*.

Data de registro: 20/05/09

Data de aceite: 28/08/09